

# Funaro diz que Brasil vai defender reservas

**Paris** (do correspondente) — “Existe uma decisão política de negociar o problema da dívida com o objetivo de preservar as reservas, uma posição que é prática, pragmática e profissional”, sentenciou ontem em Paris o ministro da Fazenda Dílson Funaro, cercado por jornalistas brasileiros e latino-americanos, no hall do elegante Hotel Bristol.

Referindo-se à moratória técnica decretada pelo Brasil, Funaro reconheceu que ela não foi apreciada pelos países credores. “Foi uma posição unilateral do governo brasileiro. Todos, inclusive nós, preferiríamos que não tivesse havido, desde que tivéssemos recebido financiamentos que nos permitissem pagar sem chegar à moratória.” Isso, segundo o ministro, não significa que os países não tenham compreendido a decisão brasileira.

— O problema é saber por que um país como o Brasil, que sempre teve um superávit alto de sua balança comercial, teve que interromper seus pagamentos. É porque os mecanismos de financiamento internacional atrasam, são lentos e normalmente são feitos no momento errado e levam um país como o Brasil, que fez um excelente esforço externo, a interromper os pagamentos. E — prosseguiu — já que interrompemos, vamos discutir a dívida politicamente.

Funaro esteve ontem, durante cerca de uma hora, com o ministro da Fazenda francês Edouard Balladour no gabinete deste no Louvre. O encontro foi fechado à imprensa e ao chegar à Rua de Rivoli o ministro pode ver uma faixa de apoio onde se lia “Brasil 1 x FMI zero”. A faixa estava ali estendida por um grupo americano, com ramificações na Europa, liderado por Lindon Larouche, ex-trotskista que apresenta-se em seu país como uma dissidência do Partido Democrata e hoje defende posições confusas de extrema-direita, numa linguagem terceiro mundista, chegando a acusar Henry Kissinger de agente de Moscou.

Ainda pela manhã, o ministro, que viaja acompanhado pelo presidente do Banco Central, Francisco Gross, e pelo diretor da Dívida Externa do BC, Antonio de Pádua Seixas, esteve com o presidente do Banco da França e ex-diretor gerente do FMI, Jacques LaRosière, por cerca de 35 minutos. Em sua conversa com os jornalistas, o ministro Funaro começou por afirmar que Balladour “é um particular amigo do Brasil”, acrescentando que a conversa com ele tem sido sempre no sentido de encontrar caminhos novos para a solução da dívida.

Segundo Funaro, o ministro francês é a favor do crescimento dos países endividados e de um entrosamento dos países que precisam crescer, como o Brasil. Funaro acrescentou que não se tocou no papel do FMI, durante as conversas com os franceses. “Essa é uma questão que não é mais discutida nem nos Estados Unidos e inclusive nem na Inglaterra, onde a questão é citada muito num tom no mínimo otimista.

— “Estive com Jacques de LaRosière e também conversamos muito. Ele é um homem que, nem quando estava no FMI, disse que deveríamos fazer um acordo”, prosseguiu Funaro no mesmo tom, rejeitando mais uma vez a possibilidade de um acordo com o Fundo.

Para Funaro, o governo francês deverá ajudar o Brasil a defender sua tese de crescimento. Balladour, segundo o ministro, informou que o governo francês já liberou dois créditos oficiais para o Brasil, através de sua agência governamental, mas não soube precisar nem o montante nem a natureza dessas operações. Funaro referiu-se ainda ao recente documento do Vaticano sobre a dívida externa e a justiça social que, segundo disse, está sendo estudado pelo ministro da Economia Francês.

O ministro revelou que o Brasil está buscando uma reforma profunda do sistema financeiro internacional, que será um dos temas da pauta da próxima reunião do FMI, dentro de um mês. Sobre os caminhos buscados pelo Brasil e por outros países que, para alívio dos banqueiros, parecem distanciar-se, Funaro afirmou que “cada nação tem a independência para resolver os seus problemas. O México é um país que procurou o seu caminho e nós estamos buscando o nosso. São situações diferentes”, acrescentou.

Para ele, o apoio da França é importante devido ao peso do país em nossa dívida, entre 6 e 7 bilhões de dólares. Apesar disso, a França está representada no comitê de 14 bancos em Nova Iorque por um único banco, o Credit Lyonnais. Para o ministro Funaro, os japoneses e europeus não estão bem representados no comitê, o que qualificou como uma distorção.

Apesar disso o ministro da Fazenda não quis fazer comentários quanto a uma eventual intransigência maior dos bancos americanos em relação aos demais: “Não há inflexibilidade. Por enquanto não foi colocada nenhuma questão para os bancos. Ainda estamos na fase de contatos do Brasil com os representantes de cada país.”

Acrescentou ainda que as negociações do Brasil com os bancos só começarão depois que o Brasil tiver algumas respostas concretas (não especificou quais) dos governos sobre as reformas dos mecanismos da renegociação. Antes de encontrar-se com os bancos, o ministro da Fazenda deverá contactar os japoneses, mas até ontem ainda ignorava a data de sua viagem ao Japão.